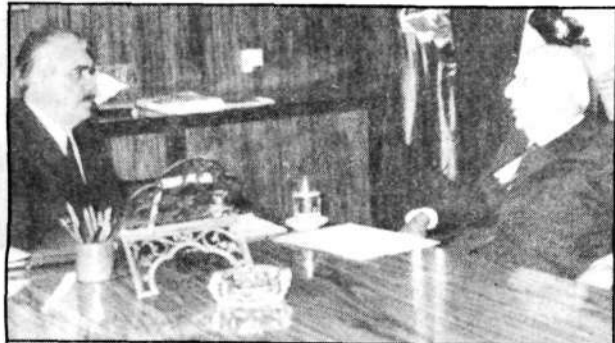




Trinta dias de perplexidade

Mas não há risco de interrupção do processo democrático

ADAUTO CRUZ



Ulysses troca idéia com Sarney sobre 2º escalão

Sarney, embora tenso, está mais esperançoso

O presidente em exercício José Sarney passou todo o dia de ontem com familiares no Palácio Jaburu. Recebendo algumas visitas de políticos e ministros, Sarney esteve, permanentemente, em contato com médicos e assessores presidenciais que se encontram no Instituto do Coração, em São Paulo, onde está internado Tancredo Neves.

De acordo com todos os visitantes, Sarney estava tenso e preocupado mas bem mais esperançoso do que no dia anterior sobre a evolução do estado de Tancredo. Enquanto isso, no Palácio do Planalto alguns setores estavam de sobrelivido: o Gabinete Militar, o Serviço do Cerimonial e a Secretaria de Imprensa.

Dos visitantes, entre os que mais se demoraram, esteve o ministro da Administração, Aluisio Alves, convidado por Sarney para o almoço. Alves, que chegou ao Jaburu por volta das 13 h e saiu às 15h15min disse que as notícias recebidas ontem eram bem melhores do que aquelas de sexta-feira e que, "a impressão que se tem é de que se o mesmo quadro se repetir domingo, a situação marchará para uma consolidação".

Depois de repetir que o presidente em exercício estava tenso mas esperançoso, o ministro da Administração repetiu sua crença na reafirmação do processo democrático: "As instituições estão amadurecidas, e tudo está operando no sentido do fortalecimento do poder civil como todo povo brasileiro deseja", concluiu.

Outra visita destacada foi a do presidente da Câmara, o presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães. Ao sair do Jaburu, por volta das 11 h30, depois de uma hora e meia de conversa com Sarney, Ulysses reconheceu "a hora difícil" vivida pelo País, reafirmou sua confiança nos médicos "que estão fazendo tudo o que a medicina pode" e definiu como "bom" o estado de espírito com que encontrou Sarney.

Ele informou haver trocado idéias com o presiden-

te sobre o preenchimento dos cargos do segundo escalão ("o que deve se acelerar, a partir de agora") mas negou que tenha tratado com Sarney de qualquer questão ligada à reforma da Constituição, dizendo ainda ignorar se os estudos a esse propósito serão ou não acelerados a partir de agora.

O ministro Paulo Lustosa, da Desburocratização, foi a terceira mais demorada visita ao presidente. Lustosa, que deixou o Jaburu às 13 h20, depois de uma hora de haver ali chegado, conversou com o presidente sobre o estado de saúde de Tancredo e sobre as medidas que o Governo Federal está tomando para atender às vítimas das enchentes no Nordeste.

Lustosa informou que Sarney recebeu um relato telefônico do Ministro do Interior, Costa Couto, sobre a ação governamental (e a visita feita à região na sexta-feira). Toda a decisão de Governo e no sentido de que nada falte e qualquer atraso em providências deve ser imediatamente denunciado a Brasília, enfatizou Lustosa.

OUTRAS VISITAS

Ainda durante o dia de ontem, Sarney recebeu visitas parlamentares. Entre elas, dos deputados José Lourenço, do PFL da Bahia, José Carlos Teixeira, do PMDB de Sergipe, que acompanhava o ex-governador Seixas Dória, e Teodorico Ferraco, do PFL do Espírito Santo.

Ferraco chegou a contar alguns detalhes das últimas informações recebidas por Sarney sobre o estado de saúde de Tancredo Neves. Segundo Ferraco contou aos jornalistas postados em frente ao Jaburu, por volta das 12h 15 de ontem Tancredo Neves fez um gesto para apanhar um papel rascunhando a pergunta "até quando eu vou ficar aqui". O parlamentar interpretou essa pergunta que ele disse ter sido escrita por Tancredo não como um gesto de impaciência ou de falta de confiança na recuperação mas "como prova de sua vontade de viver".

TARCISIO HOLANDA Da Editoria de Política

O País completa amanhã 30 dias de angustiante medo em torno de um aparelho de televisão que não consegue comunicar ao povo, de forma simples e coerente, os males que compõem o calvário continuado do presidente Tancredo Neves. Nesse longo e tenso sofrimento do presidente e da Nação, o Brasil mergulhou no impasse dramático do vazio de poder do qual ainda não conseguiu sair.

Na nervosa expectativa de melhorar do estado de saúde de Tancredo, o presidente em exercício, José Sarney, fez-se credor da admiração pública pela maneira correta com que se comporta, mas o país continua dominado pela perplexidade, a máquina governamental funciona ainda com a maior parte de seus dirigentes ainda da Velha República e a economia dá sinais de maior recessão.

APREENSÃO

Existem apreensões com o futuro, mas, ao contrário do que afirmou, em editorial, o jornal norte-americano *New York Times*, não há risco de interrupção do projeto de abertura democrática. A esmagadora maioria das lideranças de maior quilate se inclina a apoiar o presidente da República em exercício para fazer prosseguir o projeto de redemocratização até a instalação da Constituinte.

Se a pior hipótese vier a ocorrer, com o lamentado desaparecimento de Tancredo Neves, as lideranças políticas cuidarão de redefinir o pacto político em torno de José Sarney. A impressão entre os políticos é de que haverá necessidade de ampliar a base da Aliança Democrática para que Sarney ganhe o apoio político de que precisa.

Só algumas vozes isoladas — no PT, em torno do ambicioso Leonel Brizola ou nos núcleos mais fanáticos do malufismo — continuam contestando a legitimidade de Sarney como o substituto natural do presidente. A grande maioria pressentiu que Sarney representa o que resta de ordem constitucional no País depois da sucessão de cirurgias sofridas pelo texto da Carta de 46. O apoio a Sarney da maioria da Nação representa uma decorrência natural do instinto de conservação dos políticos e da opinião pública para evitar que as nossas frágeis instituições sofram qualquer abalo.

Nesses 30 dias foi possível experimentar o gosto da autonomia e da liberdade que só a democracia assegura. O presidente do Senado, José Fragelli, foi escolhido praticamente contra a vontade de Tancredo. Ulysses Guimarães levou um susto, vencendo a disputa pela presidência da Câmara com Alencar Furtado por pouco mais de 30 votos.

O IMPASSE

A Nova República não pôde disseminar os ventos de sua própria marca, enquanto o presidente se mantém na UTI. Só 10 por cento dos cargos de segundo escalão foram preenchidos, uma vez que o presidente José Sarney continua constringido a tomar iniciativas quando o titular enfrenta o leito do hospital.

O Sr. Costa Couto foi nomeado para o governo do Distrito Federal numa fórmula esdrúxula, justamente por conta desses escúpulos de Sarney. O Senado deixou de ser previamente ouvido a respeito do nomeado, tendo em vista a premente necessidade de substituir todos os que governavam o Distrito Federal em nome da antiga ordem.

As grandes questões nacionais foram colocadas em banho-maria, como o pacto social que Tancredo estava disposto a propor à Nação, para conciliar uma política econômica de austeridade com a preservação dos princípios democráticos. Tancredo assumiu compromissos com mais de uma pessoa para o mesmo lugar e o abacaxi não foi descascado por Sarney.

Se o competente político mineiro estivesse no exercício do cargo, com a sua reconhecida habilidade teria meios de vencer os descontentamentos sem provocar fissuras na unidade da Aliança Democrática. Como seu substituto eventual, Sarney, que é um político de rara sensibilidade, já sentiu que não tem a mesma cobertura do titular para enfrentar ressentimentos e frustrações.

A decepção do País ainda não conseguiu ser consolada. O documento-plataforma preparado por Tancredo e lido por Sarney na manhã do dia 17 de março, numa reunião ministerial, foi classificado como um diagnóstico de estadias sobre todos os complexos aspectos da problemática brasileira, identificando com precisão e habilidade pelo experiente e hábil político mineiro.

Desde a posse do novo Governo, a única área da administração onde não parece ter havido solução de continuidade foi a econômica. O ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, decidiu aplicar uma rigorosa política de austeridade congelando 10 por cento dos recursos fiscais, aparentemente visando mobilizar recursos para atender à premente necessidade do financiar a próxima safra agrícola.

Os grandes compromissos de Tancredo foram congelados pela dramática interinidade. O País ainda não teve oportunidade de conhecer nem mesmo o triste legado dos 21 anos de sistema militar. Há informações esparsas sobre essa herança, como as de que o déficit da Previdência não é de um, mas de oito trilhões de cruzeiros.

O Subbrasileiro foi mais um elo na cadeia de escândalos, mas não seguramente o último. Antes de se internar, Tancredo manifestou a sua convicção a vários políticos — como o líder do PFL, José Lourenço de que esses escândalos eram, apenas, a ponta de um grande iceberg — a oarte oculta tinha muito

mais ainda a revelar.

Sem a força política do titular da Presidência, o Governo ainda não oõe falar grosso, como convém, nas negociações com os nossos avidos credores externos. Os entendimentos continuam erradamente situados a nível técnico, quando se sabe que Tancredo pretendia situá-los a nível eminentemente político — sendo, como é, uma questão política.

A interinidade deixou em suspenso as grandes linhas do orçeto de redemocratização. A Comissão Constitucional, que Tancredo prometeu designar alguns dias após sua posse, está na geladeira. O ministro da Justiça havia anotado os nomes já escolhidos pelo Presidente da República, mas Sarney ainda não se sente encorajado a designá-los para elaborar o anteprojeto da nova Carta Constitucional, a ser submetido a debate com todas as faixas da sociedade brasileira.

A situação social é grave e as exolossões contidas pela comocão nacional gerada a partir da doença de Tancredo. A economia combalida dá sinais de cansaço, sinais que se refletem nas sucessivas quedas das Bolsas do Rio e de São Paulo. As lideranças políticas ainda não conseguiram tomar a decisão de agir para evitar que a Nação seja consumida por esse impasse.

Como o impedimento do Presidente terá que ser, necessariamente, muito mais longo do que se previa, quando de seu internamento no Hosoital de Base, já se ouve entre importantes ministros, dirigentes e líderes oolíticos que Sarney precisa assumir a Presidência da República em sua plenitude para dar consequência ao programa da Aliança Democrática, como se Tancredo estivesse à frente do Governo.

Desenha-se a redefinição do pacto político que levou Tancredo e Sarney ao poder, defendendo-se a ampliação da base política da Aliança a fim de que seja possível, ao mesmo tempo, vencer a crise econômico-financeira — com destaque para o combate à inflação — e completar o processo de transição do autoritarismo para a democracia plena sem traumas.

Todos ainda oram por Tancredo e se alegram à idéia de sua volta, mas um número maior de políticos chegou à conclusão de que não se pode afastar a hipótese de seu desaparecimento. E nesse caso teria soado a hora de estabelecer entendimentos para dar respaldo a Sarney a fim de que imprima ao Governo a marca de seu próprio estilo.

No novo desenho dessa grande articulação pael de relevo está reservado para Ulysses Guimarães, Aureliano Chaves e Marco Antônio Maciel. Esses três políticos serão as pilastras para a sustentação do orçograma definitivo da Aliança Democrática. Sarney não tem a grande oopularidade de Tancredo, mas pode desempenhar papel mais importante na consolidação das instituições democráticas do que o político mineiro, e oaradoxalmente por isso mesmo.